

Heresias Revolucionárias na América Latina: de José Carlos Mariátegui aos movimentos populares contemporâneos Entrevista com Miguel Mazzeo*

Deni Ireneu Alfaro Rubbo**

Resumo:

Nesta entrevista, feita por correio eletrônico, no final de 2012, o intelectual e militante político argentino Miguel Mazzeo aborda as várias facetas do pensamento vivo e inesgotável de José Carlos Mariátegui, em especial sua dimensão utópico-religiosa, mas também a ênfase acerca da solidariedade internacionalista nas lutas sociais contemporâneas. Mais do que um exercício exegético de interpretar a obra do marxista peruano, Mazzeo tem se destacado por resgatar o pensamento heterodoxo de JCM relacionando-o com os movimentos populares da atualidade, cada vez mais caracterizados por uma irreduzível pluralidade social, impondo desafios imensos à teoria social e, sobretudo, a práxis política dos subalternos do continente latino-americano.

Palavras-chave: José Carlos Mariátegui; Marxismo; Movimentos populares contemporâneos.

Revolutionary heresies in Latin America: From José Carlos Mariátegui to contemporary political movements - an interview with Miguel Mazzeo

Abstract:

In this interview, conducted via email in late 2012, the Argentine intellectual and political activist Miguel Mazzeo discusses the various facets of the living and inexhaustible thought of José Carlos Mariátegui. While focusing on the utopian-religious dimension, the interview also emphasizes international solidarity in contemporary social struggles. More than simply an interpreter of the texts of the Peruvian Marxist, Mazzeo stands out for reviving the heterodox thought of José Carlos Mariátegui by relating it to today's popular movements, which are increasingly characterized by an irreducible social pluralism that poses immense challenges for social theory and, in particular, for the political praxis of subaltern groups on the Latin American continent.

Keywords: José Carlos Mariátegui; Marxism; contemporary popular movements.

* Tradução, revisão e notas de Ramon Casas Vilarino,

** Doutorando em Sociologia pela FFLCH-USP; São Paulo-SP, Brasil.

End. eletrônico: deni_out27@uol.com.br

A apresentação materialista da história – enunciava Walter Benjamin – leva o passado a colocar o presente numa situação crítica. Eis aí um dos conceitos fundamentais do materialismo histórico: a atualização, que tem como requisito teórico-metodológico o ímpeto da rememoração dialética. Nesta entrevista, o intelectual argentino Miguel Mazzeo¹, autor de inúmeros livros sobre movimentos populares, aproxima os vasos comunicantes entre memória coletiva do passado e lutas sociais do presente: atualiza, assim, o pensamento profundamente heterodoxo do marxista José Carlos Mariátegui a partir das antinomias sociais e políticas que atravessa, hoje em dia, o continente latino-americano.

Vale ressaltar que o entrevistado tem conseguido construir uma farta produção teórica aliada ao engajamento político, o que é cada vez mais raro em tempos em que a atividade militante ou intelectual tendem a absorver integralmente somente para um dos lados. Para o militante da *Frente Popular Darío Santillán* (FPDS) – movimento social e político argentino que emergiu no final de 2004 –, Mariátegui contribuiu com uma diversidade de temas (utopia, religião, mito, imaginação, progresso, razão, civilização) que são considerados verdadeiras heresias para as ortodoxias dogmáticas, caminhando, por assim dizer, a “contrapelo” do marxismo “oficial” da América Latina. É justamente essa profunda independência e rebeldia do pensamento do autor de *Sete Ensaíos* que lhe conferem uma atualidade impressionante para compreender algumas novidades sobre a diversidade do “bloco social dos oprimidos” (Gramsci) do Velho Continente, assim como o próprio conceito de “poder popular”, que tem sido desenvolvido pelo autor. Afinal de contas, como assevera Miguel Mazzeo: “hoje, quando praticamente todas as ordens sociais caracterizadas pelo predomínio da cooperação, da solidariedade e do respeito à vida são consideradas pelas classes dominantes como parte do passado, ganham mais importância as teses de Mariátegui, visando recuperar e ativar essas ordens e pensá-las como fundamentos da nova sociedade”.

¹ Miguel Mazzeo é professor da Universidade de Buenos Aires (UBA) e da Universidade de Lanús (UNLa), autor de inúmeros artigos e livros, dentre os quais se destacam: *El Sueño de una cosa. Introducción al poder popular*, publicado pela editora El Colectivo, Buenos Aires e pela Fundação Editorial El Perro y la Rana, Caracas, em 2007; *¿Que no Hacer? Apuntes para una crítica de los regímenes emancipatorios*, publicado por Antopofagia, em 2005 e *Libros de Anarres*, em 2012; *Invitación al descubrimiento: José Carlos Mariátegui y el socialismo de Nuestra América*, El Colectivo, Buenos Aires, e por Minerva, Lima, em 2008; *Notas sobre el Bicentenario de la Revolución de Mayo* publicado por EL Colectivo/Ediciones Herramienta, em 2011.

Quando você se aproxima da obra de Jose Carlos Mariátegui? Quais foram as circunstâncias políticas e de sua trajetória que fizeram com que sua militância na Argentina incorporasse as ideias de Mariátegui?

Nosso interesse por José Carlos Mariátegui surgiu em meados da década de 1980, em plena crise dos paradigmas emancipatórios mais característicos do século XX, especificamente a crise dos significados do socialismo que foram hegemônicos desde a Revolução Russa e quando se iniciou o tempo do neoliberalismo em sua versão periférica, crua e dura.

Éramos estudantes e militantes de esquerda nesse contexto tão pouco alentador. Víamos que as propostas de Mariátegui, de alguma forma, saíam incólumes da crise dos socialismos reais e do esgotamento das matrizes mais clássicas da esquerda – do denominado “marxismo-leninismo” em todos os seus formatos –, matrizes que buscaram reduzir toda a vida a um ordenamento sistemático. Para além de que muitos consideravam que essa crise arrasava com toda ideia de mudança radical, a mesma não podia afetar os aspectos principais de uma obra e de um pensamento como os de Mariátegui.

Esse foi o contexto que nos permitiu descobrir em Mariátegui as possibilidades de um socialismo sem fórmulas envenenadas, de um marxismo operativo e com firmeza, um pensamento genuíno que traz chaves para a vida prática e também a esperança. Mariátegui nos servia (e nos serve) de ponto de partida na tarefa de ressignificar o socialismo e para desenvolver o marxismo como crítica científico-ética do capitalismo, como programa prático de ação anticapitalista e projeto de sistema econômico, social e político alternativo.

Logo, nossa militância vinculada a organizações populares autônomas e a movimentos sociais, nos impôs um lugar hermenêutico (e um recorte da figura de Mariátegui) diferente do que podem oferecer a academia ou os partidos da esquerda dogmática.

A combinação de leitura e apropriação impôs, então, um conjunto de necessidades relacionadas com o poder popular e os modos de construí-lo, consolidá-lo e estendê-lo, necessidades que por sua vez se conectam com a autonomia ideológica e política das classes subalternas, com a democracia, a ação direta e com os vínculos entre a revolução e o cotidiano. Em geral, o ponto de vista que adotamos ao estudar Mariátegui remete a todo aquele que faz a reformulação de um projeto socialista para Nuestra América.

Existe uma corrente de interpretação em que vários estudiosos apontam que por mais que o marxismo de Mariátegui tenha um potencial crítico relevante, existem limites no seu pensamento, principalmente por dialogar com uma dimensão ético-filosófica, como o conceito de mito (G. Sorel), por exemplo. Essa dimensão “mística”, utópica, romântica, imaginária, que está presente no pensamento de Mariátegui é realmente um limite já superado pelos movimentos populares do presente? Afinal, ela enfraquece ou fortalece a criatividade do marxismo?

Muitas organizações populares e muitos movimentos sociais de Nuestra América têm revalorizado essas dimensões. Não só não foi superado, como se trata de um dos elementos mais importantes do pensamento mariáteguiano. Considero que as dimensões da mística, da utopia e da imaginação permitem ao marxismo de Nuestra América ser criativo e desenvolver-se como filosofia da libertação. Hoje, muitas organizações populares e muitos movimentos sociais de Nuestra América estão assumindo o marxismo como um saber, porém, também como um sentir e um desejar.

Não se pode esquecer, de outro lado, que a imaginação, a fantasia, os sonhos, os desejos, quando se encarnam socialmente, convertem-se em forças atuantes na realidade concreta, forças de um enorme potencial transformador. Assim, temos que ter em conta que Mariátegui confronta com um socialismo (e um marxismo) de cunho positivista e eurocêntrico, que cultua todos os fetiches do Ocidente: Razão, Progresso, Civilização, entre outros.

Para além de suas limitações, das “desordens categoriais” e de algumas contradições, Mariátegui, ao assimilar o dinamismo crítico-dialético do marxismo, ao realizar a análise concreta da realidade peruana, ao fazer passar o marxismo pelo “crivo dos ancestrais”, ao valorizar uma perspectiva histórica e crítica (nem mais nem menos que a própria historicidade e criticidade do marxismo), aumentou suas possibilidades heurísticas e epistemológicas, preparou o caminho para o avanço de sua capacidade de intervir na história como força social transformadora.

Puderam os mais minuciosos exegetas dos textos clássicos e os defensores de um marxismo intelectualizado exibir feitos tão grandes e ao mesmo tempo tão “marxistas”? Considero que todo o marxismo que Mariátegui conseguiu alcançar foi suficiente para produzir um terreno sólido e uma tradução fundacional, possibilitando o encontro do marxismo com a realidade nacional. Sua vocação marxista foi muito mais frutífera que outras supostamente mais informadas ou mais fiéis à letra e às “verdades sintáticas”.

Em todo caso, a todos que insistem em uma “suposta escassez de marxismo” em Mariátegui, podemos lhes responder que ninguém em Nuestra América fez tanto com tão pouco. Mariátegui é desmesurado. Os dogmáticos vêm nessa

desmesura o efeito das limitações de seu marxismo. Eu creio que é exatamente o suporte do marxismo de Nuestra América. Porque, definitivamente, todos que se assumem como próprios ou autênticos são sempre resultado de um excesso, de algo que transbordou. Não se pode compreender Mariátegui e avaliar os alcances de seus aportes se em suas desmesuras se vêem limitações. Além do que, cremos que sem tais desmesuras não poderiam existir feitos criativos.

Pode-se afirmar, então, que José Carlos Mariátegui – por seu pensamento confluir marxismo e religião - é uma espécie de “filósofo da libertação” *avant la lettre*, nos termos de Enrique Dussel (1994)?

Sim, sem dúvida. Mariátegui é uma das referências mais importantes da Filosofia da Libertação. Mariátegui atribuía uma dimensão religiosa ao socialismo e, de fato, assumia a política como filosofia e religião. Claro que ele não concebia a religião somente como um conjunto de dogmas, ritos e parafernâlias, em suma, com tudo o que Manuel González Prada identificava como a “hipocrisia da religião”, senão como o que “relaciona” e une os sujeitos, quer dizer, o que “religa”. Mariátegui reconhece tanto o caráter “prático” das ideologias quanto a força formadora de mitos da religião. Assim, a herança do cristianismo é imanente. Em Mariátegui, o socialismo assume a condição de uma fé profética e poética que lhe outorga sentido à vida cotidiana, podendo prescindir dos credos pré-estabelecidos e sobretudo das “Igrejas”.

De outro lado, a necessidade de criar uma moral desprovida de tons metafísicos e escatológicos, uma moral geradora de entusiasmo e encantamento do mundo e da vida, uma moral de mudança em substituição à moral eclesástica – cuja eficácia se extinguiu no seio das classes subalternas -, uma moral alternativa à imortalidade (e irreligiosidade) do capitalismo, era, ademais, uma questão filosófica incandescente na Europa e em Nuestra América nas primeiras décadas do século XX. A noção gramsciana de “reforma intelectual e moral” pode ser considerada como tributária desta problemática.

A associação entre marxismo e religião está relacionada com o anseio de uma filosofia viva ou saber integral, quer dizer, um saber que seja ao mesmo tempo um sentir e um desejar (é clara a analogia com a dialética do saber e o sentir gramsciana). Para Mariátegui, o místico se caracteriza por “repelir a vã ciência” e por buscar o conhecimento no altar do amor. Ou seja: o místico seria aquele que não pretende conhecer por conhecer, mas conhecer para amar, para trabalhar e regozijar.

Para Mariátegui, a política revolucionária possui um caráter religioso, é um “misticismo combativo”; ele sustentava que “mais que uma ideia é um sentimento, mais que um conceito é uma paixão” e não mero reflexo das condições objetivas.

É surpreendente observar que em pleno século XXI as organizações mais ativas em escala internacional na luta contra o programa político do neoliberalismo são os movimentos de camponeses como a *Coordinadora LatinoAmericana de Organizaciones do Campo* (CLOC) e a Via Campesina (Rubbo, 2012; Vieira, 2011). A esse respeito, qual era a concepção de Mariátegui em relação ao internacionalismo?

Mariátegui sustentou que “o internacionalista sente, melhor que muitos nacionalistas, o indígena, o peruano”, e também concebeu o internacionalismo não como o contrário do nacionalismo, mas como sua “superação”. Também, repugnava o ineficaz isolamento paroquial e, sem dúvida, considerava que a revolução socialista no Peru era parte da revolução mundial, porque o “problema” que tinha a resolver também o era. Sem deixar de ser um ideal e uma firme convicção ideológica, o internacionalismo, para ele, era uma “realidade histórica”, uma tendência que não autorizava determinismos passivos (a espera das condições ideais) nem o “napoleonismo” à la Trotski.

O internacionalismo que nos propõe Mariátegui está longe de toda abstração e refuta toda construção estratégica que não dê conta das estruturas nacionais e regionais. Mariátegui não confunde internacionalismo com Ocidente; em seu horizonte têm lugar as “civilizações negadas” da Ásia e de Nuestra América, cujos ressurgimentos intui. Daí seu reconhecimento implícito aos méritos da Internacional Comunista, que contribuiu para que o internacionalismo deixasse de ser uma doutrina praticamente limitada ao âmbito europeu.

Com efeito, Mariátegui considerava que o internacionalismo anterior à Internacional Comunista não havia chegado ao desenvolvimento de uma consciência anticolonial (e verdadeiramente internacionalista) entre os trabalhadores europeus. Refuta, portanto, os moldes universalizados quando interpreta-transforma as diferentes realidades, particularmente as periféricas. Assim mesmo, não coincide com o cosmopolitismo neoliberal de alguns pseudo-radicais que chegaram a propor a impossibilidade de afrontar a luta anticapitalista a partir dos marcos nacionais. Mariátegui considerava que assim como havia um nacionalismo revolucionário e outro reacionário, também o mesmo ocorria com o internacionalismo.

O internacionalismo de Mariátegui propõe a união entre o local e o global, o desenvolvimento das conexões internacionais de cooperação entre os movimentos populares de todo o mundo, movimentos que mesmo que em tensão com as instituições e mecanismos dos Estados nacionais, possuíam e possuem uma base nacional. De certa forma, ele propunha uma luta que impulsionava colocar em prática ou defender, em nível internacional, os elementos que futuramente poderiam ser compatíveis com o socialismo. Em “El problema de las razas en América Latina” [publicado em junho de 1929], Mariátegui considerava

que a aliança dos índios proletários e camponeses com o proletariado mestiço e branco contra o regime feudal e capitalista podia permitir o desenvolvimento das “instituições de tendência coletivistas”, ou seja, os “elementos de socialismo prático”. Ele dizia também que esta aliança e estas instituições podiam “criar a ligação entre os índios de diferentes países, por cima das fronteiras atuais”.

A proposta mariáteguista pode resultar útil para pensar a nação popular democrática, como a base de um novo internacionalismo emancipador e como ponto da articulação e instância concreta para enfrentar os poderes globais e as políticas de espoliação que são levadas pelas empresas multinacionais.

Antonio Melis (1999) dizia que Mariátegui oferecia aos militantes populares de Nuestra América “um exemplo de unidade dialética entre a especificidade da análise e a perspectiva mundial: unidade que suprime num só golpe as estéreis polémicas entre cosmopolitas e nacionalsitas, nas quais se estancou por muito tempo o debate político e cultural latino-americano”.

Também, podemos identificar em Mariátegui um nível “estrutural” e outro ideológico-político em relação à questão do internacionalismo. O primeiro nível lhe servia para reconhecer que o internacionalismo era um fato histórico relacionado com o desenvolvimento da economia capitalista. No nível estritamente político, podemos identificar três planos: 1) o plano da autodeterminação local, territorial e comunal (espaços de autonomia e autogoverno, espaços de poder popular); 2) o plano de articulação destes espaços em nível nacional com vistas a obter a autodeterminação da nação popular-democrática; e 3) a articulação com as classes subalternas e suas organizações e movimentos de todo o mundo, porém, principalmente de Nuestra América, visando a autodeterminação continental. Ainda que Mariátegui não o desenvolva, algumas linhas gerais de seu pensamento permitem pensar na possibilidade de mediações entre os distintos planos. Pelo menos, não existem em sua obra indícios de uma “teoria do contágio”, do “desenvolvimento simultâneo” ou do “efeito dominó”. Ao mesmo tempo, e como afirma Isabel Monal, Mariátegui não aceitava centros hegemônicos condutores e cosmovisões geocêntricas impostas de fora, e afirmava a ideia de que as lutas de classes de uns contribuía nas lutas de classes de outros. A “revolução proletária” era, assim, a grande tarefa solidária de cada participante visando o objetivo comum. Para *El Amauta*², o socialismo era um espaço ecumênico e um instrumento de articulação de diferentes experiências “locais”. Dessa forma, o internacionalismo era o corolário da própria dinâmica do socialismo e de sua própria força expansiva. Aqui, se faz presente uma proposta articuladora

² Mariátegui era também conhecido como “El Amauta”, que em quéchua significa “o sábio” e também “o professor”.

do universal e do particular. Como se vê, e salvando as distâncias históricas, há muitas semelhanças com as concepções da CLOC e da Via Campesina.

Creio, por último, que se pode pensar o internacionalismo de Mariátegui a partir da proposta de Rosa Luxemburgo, que supera o eurocentrismo característico do marxismo de seu tempo, detecta a relação entre “as tradições comunistas que lhe opunham nos países coloniais a mais intensa das resistências ao avanço da europeização e o novo evangelho do ímpeto revolucionário das massas proletárias nos antigos países capitalistas”. O vínculo potencial entre as “tradições comunistas dos países coloniais” – perfeitamente assimiláveis aos “elementos de socialismo prático” identificados por Mariátegui nas comunidades camponesas e indígenas – e as resistências ao avanço da europeização, combinadas com as lutas e o desenvolvimento da consciência dos trabalhadores dos países capitalistas mais avançados; quer dizer, a articulação de antiimperialismo e anticapitalismo lhe servem para fundamentar aquela que nos parece a dimensão mais proba do internacionalismo.

Você tem refletido em diversos artigos e livros sobre o que chama de “poder popular” (Mazzeo, 2007). Discorra sobre a importância desse termo na cena política contemporânea e se há relação com o pensamento de Mariátegui.

O conceito de poder popular que assumimos não separa meios de fins, movimento de fins últimos, objeto de sujeito, teoria e prática, socialismo de classes subalternas. Consideramos que o poder popular é tanto meio e caminho para a libertação como fim último, desejo e projeto. Desta forma, as construções regidas e inspiradas pelas lógicas e horizontes do poder popular se erguem em âmbitos onde se fazem efetivas estas simultaneidades.

O poder popular implica a realização da imanência do fim último. Nas construções sociais e políticas inspiradas no poder popular, o fim último deixa de ser transcendente e se torna imanente. Considero que a concepção socialista de Mariátegui é compatível com a ideia de poder popular. Ele pensa num socialismo que deve dar conta das singularidades, que não seja fruto de uma imposição externa e compulsiva de uma totalidade totalizante, da normativização da produtividade política das bases, da força de uma totalização transcendente. Propõe um socialismo – diferente do “socialismo real” – sem implantes forçosos e sem tergiversações de tudo o que representa, de fato ou em potência, uma praxis de poder popular. Um socialismo que renuncie à ruptura histórica gerada pela Conquista e aprofundada pela República, que inverta o discurso dos opressores e suas representações do campesinato-indígena, que erradica definitivamente o prejuízo de sua inferioridade intrínseca. Enfim, Mariátegui traça as linhas básicas

de um socialismo sério e seguro, sem discursos que ocultam e sem eufemismos; um socialismo não colonizado e não colonizador, que não replica a linhagem dos “extirpadores de idolatrias” do início do século XVII. Um socialismo que deve construir a nação e por fim a uma larga etapa histórica caracterizada pelo domínio dos poderes dissociadores das dinâmicas externas, invasivas, colonizadoras. Para tanto, também podemos inferir que o socialismo para Mariátegui é praxis libertadora e não condiz com a gestão de um povo, de uma comunidade, etc, por parte de instituições estatais.

Finalmente, a noção de “elementos de socialismo prático” que propõe Mariátegui está centrada no relacional, no antecipatório, no tendencial e no prefigurativo. Assim, se relaciona com a construção popular contra-hegemônica (auto-organização que se ergue como poder alternativo e desestruturador do poder dominante), se relaciona com o poder popular. A noção de “elementos de socialismo prático” propõe uma ideia de socialismo que exige significar o que enuncia e se proclama na própria estrutura. Desse modo, a noção é perfeitamente compatível com a angústia e a dúvida. Prefere a espera e a pergunta em movimento (e em luta) às receitas infalíveis e às más respostas. Esta noção pode ser considerada o pilar de uma concepção – e, porque não, de uma conceitualização – do socialismo como aposta e criação. Não nos esqueçamos da sentença mariateguiana: “nem decalque nem cópia, criação heroica ...”.

Na América Latina contemporânea, as formas de organização do “bloco social dos subalternos” (Gramsci) têm apresentado uma variedade de inovações em suas lutas e resistências, talvez em vista da aguda reestruturação das formas de trabalho (precário) nos países da periferia do sistema capitalista, como aponta, por exemplo, o sociólogo brasileiro Ricardo Antunes (2011), professor da Unicamp. Como você interpreta essas tendências? Existe uma relação entre essas formas de organização contemporâneas com o pensamento de Mariátegui?

Estas tendências se relacionam com a perda de centralidade estratégica da classe trabalhadora industrial, com o “desconcerto” (como afirma Ricardo Antunes) dos sindicatos e sua postura hiperdefensiva, com a heterogeneização da classe que vive de seu trabalho, com a substituição do “trabalhador massa” (típico do fordismo) pelo “trabalhador social”, com o renascimento das formas mais brutais da exploração da força de trabalho, pelo crescimento do “subproletariado”. Também se relacionam com um capitalismo que diversifica as formas de exploração e dominação e se expande em direção a novos territórios (em termos quantitativos e qualitativos). São, nem mais nem menos, as tendências do capitalismo nestes tempos. De todo modo, em Nuestra América, o sujeito

popular sempre se caracterizou pela sua heterogeneidade (mais até que o peso que a classe trabalhadora industrial teve em países como Argentina e Brasil, entre as décadas de 1940 e 1980, e de seu papel dinamizador nas lutas de classes).

Com relação a esta nova realidade, vale dizer que Mariátegui, diferente da esquerda dogmática, soube reconhecer a capacidade emancipatória dos sujeitos subalternos não trabalhadores. Reconhecia nas classes subalternas não proletárias capacidade de acumulação de classe, capacidade de tornar-se massa hegemônica. Quer dizer, Mariátegui nos convoca a pensarmos em termos de classe, sim, porém, sem a velha rigidez.

Em Nuestra América, o sujeito revolucionário é cada vez mais um sujeito plural. Conforme as situações históricas particulares, algum setor poderá assumir conjunturalmente papéis dinamizadores da luta de classes, porém, este sujeito tende a ser “estruturalmente” plural. Um projeto revolucionário deverá fazer com que a fragmentação (que se refere a tudo que foi destruído) dê lugar à diversidade (que se refere à possibilidade de dialogar e conviver). Logo, deverá trabalhar para articular essa diversidade, para dar-lhe um horizonte libertador e emancipador comum.

O professor Michael Löwy, em seu livro *O marxismo na América Latina* (2006), afirma que o marxismo latino-americano esteve ameaçado por duas tentações: o “excepcionalismo indo-americano” e o “eurocentrismo”. Qual atualidade que você atribui ao resgate de uma tradição que, em circunstâncias históricas específicas, conseguiu superar essas duas tentações formando uma constelação dissidente do marxismo latino-americano, subterrânea, rebelde, radical, profundamente heterodoxa – como, por exemplo, o próprio Mariátegui, Julio Antonio Mella, Che Guevara, Ludovico Silva, Alberto Flores Galindo?

Sem dúvida, essa é a tradição com a qual nos identificamos, a que promove um socialismo revolucionário, criativo e arraigado. Porém, trata-se de uma tradição que devemos reatualizar (e enriquecer) dia a dia. Essa tarefa não pode separar-se das lutas sociais e políticas das classes subalternas e oprimidas. Somente nossas lutas contra-hegemônicas tornarão possível que essas figuras adquiram novos significados.

Considero que Mariátegui é a expressão da utopia socialista em sua dimensão radical³. Existem indícios que se abre, em Nuestra América, um tempo propício para a reiteração dessa utopia, porém, também podemos perceber sinais de que

³ No original “dimensão raizal”, de raiz.

isso tende a assumir perfis inéditos de autonomia, de “criação heroica” e não de “decalque e cópia”. Em Mariátegui, o socialismo se reveste de uma dimensão societal e civilizatória. Esta dimensão, hoje, em Nuestra América, é inevitável.

Mariátegui não punha o eixo no desenvolvimento das forças produtivas. Subjaz em seu pensamento e em sua obra uma economia política das classes subalternas. Ao contrário do que afirma Robert Dahl, o socialismo é algo qualitativamente diferente de “um sistema econômico no qual a maioria das atividades importantes são realizadas por agências de propriedade do governo e controlado por ele mesmo”. Além disso – e perdão por tanta insistência neste aspecto –, a noção mariateguiana de “elementos de socialismo prático” nos apresenta o socialismo como algo próprio da realidade intra-histórica e geopolítica de Nuestra América. Este último, possivelmente seja um dos elementos centrais da constelação dissidente do marxismo latino-americano, subterrânea, rebelde, radical e profundamente heterodoxa.

No Brasil, o pensamento de Mariátegui é ainda amplamente desconhecido pela esquerda política e acadêmica do país, com exceção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que tem procurado - dentro de certos limites – ministrar cursos e debates para a formação política de militantes de toda América Latina. O que você acha dessa ideia?

Para a esquerda dogmática de Nuestra América, Mariátegui sempre foi uma figura incômoda e difícil de digerir. Ainda que muitas organizações dessa esquerda ensaiassem explicações que reivindicam *El Amauta*, nunca se assumiram como “mariateguistas”. Sempre “mediram” Mariátegui com a régua da ortodoxia leninista, trotskista ou maoísta.

Mariátegui tampouco é uma figura muito atrativa para a academia. A agenda da academia não o contém, nem ele nem nada que tenha a ver com o projeto de mudar o mundo e a vida. Em linhas gerais, é uma agenda adaptativa, funcional ao sistema de dominação, seja em suas versões de direita ou neopopulistas e neodesenvolvimentistas. Não é à toa que a vigência de Mariátegui se explique a partir do desenvolvimento de experiências que tentam refundar o projeto socialista em Nuestra América. Também não é casual que ele tenha ingressado no Brasil graças à paixão político-intelectual de Florestan Fernandes e de Michael Löwy⁴, ambos marxistas “heterodoxos”. Assim, não é fortuito o interesse do MST por Mariátegui. Há muitos terrenos compartilhados.

⁴ Sobre a importância do marxismo de José Carlos Mariátegui na obra do sociólogo franco-brasileiro Michael Löwy, cf. Rubbo (2012a).

Mariátegui nos convida a reinterpretar os valores considerados arcaicos e os componentes valorativos pré-capitalistas. Entre esses valores e componentes podemos mencionar o “familismo” e o “comunalismo” (na linha construída por Orlando Fals Borda em *La subversión en Colombia*). Mariátegui nos convoca a resgatar da ordem *ayllu*⁵ os valores familistas do grupo vizinho incaico e a localizá-los no marco da ação política moderna, no contexto da fragmentação das classes subalternas. Aqui, cabe a associação com o comunalismo do Padre Camilo Torres. Nos termos de Fals Borda, podemos dizer: diante dos valores instrumentais, antivalores libertários; frente às normas, contra-normas participativas; ante as instituições elitistas, antiórgãos⁶ e grupos-chave populares; diante de técnicas de controle, as tecnologias humanistas; frente ao mercado, a comunidade e um Estado com determinações societárias fortes.

Hoje, quando praticamente todas as ordens sociais caracterizadas pelo predomínio da cooperação, da solidariedade e do respeito à vida são considerados pelas classes dominantes como parte do passado, ganha mais importância a proposta de Mariátegui em recuperar e ativar essas ordens e pensá-las como fundamento da nova sociedade. Pouco importa o caráter “pré-capitalista” dessas ordens. Dado o grau social produzido pelo capitalismo (sobretudo nas classes subalternas), quase todas elas poderiam ser tachadas de anacrônicas ou defasadas: desde a comunidade camponesa indígena às formas mais avançadas de sociabilidade operária dos anos 1960 e 70.

Mariátegui reconhece o potencial emancipador de tradições autóctones. Quer dizer, toda ideia de mudança só resulta eficaz se inscrita na própria história. Para mudar o mundo não há nada melhor que insistir na própria forma de ser. Entendo que o MST assume orientações similares e possui uma forte marca “comunalista”.

Bibliografia

- ANTUNES, Ricardo (2011). *O continente do labor*. São Paulo: Boitempo.
- DUSSEL, Enrique (1994). El marxismo de Mariátegui como ‘Filosofía de la Revolución’. *Anuario Mariateguiano*. Lima: Amauta, n. 6, pp. 249-253.
- FAZ BORDA, Orlando Faz (2008). *La subversión en Colombia. El cambio social en la historia*. Bogotá: FICA-CEPA.

⁵ Os *ayllus* são comunidades formadas por laços de parentesco que foram a base do Império Inca.

⁶ No original “disorganos”, que, ao pé da letra seria “desorgãos”.

- LÖWY, Michael (2006). “Introdução: pontos de referencia para uma história na América Latina”. In: LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Perseu Abramo, pp. 9-64.
- MARIÁTEGUI, José Carlos (1994). *Mariátegui total*. Lima: Amauta (II tomos).
- MAZZEO, Miguel (2009). *Invitación al descubrimiento: José Carlos Mariátegui y el socialismo de nuestra América*. Buenos Aires: El Colectivo.
- _____ (2007). *El sueño de una cosa (Introducción al poder popular)*. Buenos Aires: El Colectivo.
- MELIS, Antonio. (1999). Mariátegui, primer marxista de América. *Leyendo Mariátegui*. Lima: Amauta, pp. 11-40.
- PASOLINI, Pier Paolo (1990). *Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários*. São Paulo: Brasiliense. (organização Michel Lahud).
- RUBBO, Deni Ireneu Alfaro (2012). Do campo para o mundo: em busca de um internacionalismo continental para o MST – Entrevista com Gilmar Mauro. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 29, pp. 21-30.
- _____ (2012a). Marxismo, política y religión de ‘un marxista convicto y confeso’: Michael Löwy lector de José Carlos Mariátegui. *Herramienta*, Buenos Aires, v. 51, pp. 25-40.
- VIEIRA, Flávia Braga (2011). *Dos proletários unidos à globalização da esperança: um estudo sobre internacionalismos e a Via Campesina*. São Paulo: Alameda.